



Paranoá is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).
Fonte: <https://periodicos.unb.br/index.php/paranoa/article/view/11602>. Acesso em: 22 dez. 2021.

Referência

MACHADO, Reinaldo Guedes. O poder do púlpito. **Paranoá**, Brasília, v. 16, n. 16, 2016.
DOI: 10.18830/issn.1679-0944.n16.2016.10. Disponível em:
<https://periodicos.unb.br/index.php/paranoa/article/view/11602>. Acesso em: 22 dez. 2021.

O PODER DO PÚLPITO

THE POWER FROM THE PULPIT

Reinaldo Guedes Machado¹

RESUMO

Em Portugal e no Brasil, o púlpito foi o lugar destinado à divulgação da doutrina religiosa, mas também serviu para a elaboração e expressão da mentalidade coletiva; pois que tanto o equipamento físico quanto o discurso verbal da igreja serviram de meios de transmissão do gosto, de valores plásticos, de representações simbólicas e, em diversos momentos, à defesa de determinadas posições políticas. Púlpito propriamente dito, a peça da mobília eclesiástica, de onde esses discursos foram proclamados, exhibe as tendências estéticas de cada época e, sobretudo, serve de suporte a uma rica linguagem simbólica que afirma a dignidade do pregador que o utiliza assim como a sua fidelidade à tradição doutrinária da Igreja e à monarquia.

Palavras-chave: Púlpito; Arte Brasileira; Arte Portuguesa; Mobiliário Eclesiástico.

ABSTRACT

In Portugal and Brazil, the pulpit was the place for the dissemination of religious doctrine, but also served to the development and expression of the collective mentality; since both the physical equipment and the verbal discourse of the church served to broadcast taste, plastic values, and symbolic representations and, at various times, the defense of certain political positions. The pulpit itself, the ecclesiastical furniture from where these speeches were proclaimed, displays the aesthetic trends of each era, and above all serves to support a rich symbolic language that affirms the dignity of the preacher as well as its fidelity to the doctrinal tradition of the church and to the monarchy.

Key Words: Pulpit; Brazilian Art; Portuguese Art; Temple Furniture; Catholic Church.

Este texto trata do púlpito católico, lugar de emissão do discurso religioso de propaganda da crença e dos modelos de comportamento adequados aos que comungam da mesma fé. Observei-o em cerca de 800 exemplares encontrados no território continental e ilhas atlânticas de Portugal, e em sua colônia americana e neles identifiquei símbolos plásticos visando elevar o pregador, não só no sentido espacial, mas também apontando sua alta dignidade pela vinculação do seu discurso verbal à tradição doutrinária, à tradição das artes clássicas e a afirmação de fidelidade à igreja e à coroa.

O púlpito é um objeto material dotado de caráter utilitário específico, peça do mobiliário dos templos e consiste de uma plataforma elevada com escada ou outro meio de acesso, cercada por um guarda-corpo. São esses os mínimos elementos que atendem à necessidade prática de fazer ver e ouvir o pregador. A partir do século XVI, difundiu-se o uso de acrescentar àqueles componentes uma espécie de dossel denominado abaixa-voz, com função de rebater a voz em direção aos ouvintes, evitando que se perdesse ou reverberasse nas alturas do teto da igreja.

Mas o púlpito não é apenas uma peça do mobiliário da igreja, é o lugar do discurso da instituição por seus representantes, autorizados após anos de estudo da doutrina para obtenção das ordens sacerdotais. Mesmo que variassem os estilos, os interesses, a temática abordada, o público e as circunstâncias ocasionais, toda pregação haveria de estar contida nos limites da doutrina ortodoxa, na tradição, na literatura sagrada. Ultrapassar estes limites caracterizaria a heresia.

BREVE HISTÓRICO DO USO DO PÚLPITO

O uso do púlpito tem longa tradição. Na sinagoga tem a forma de uma tribuna onde o rabino apóia o texto sagrado que lê para a comunidade. No entanto, não foi empregado nas primitivas basílicas cristãs do século IV da Era Cristã. Em substituição a ele, dois ambões dispostos simetricamente à esquerda e à direita do coro baixo destinavam-se às leituras integrantes do ritual da missa. Os comentários e as exortações morais decorrentes dos textos lidos e demais conteúdos que viriam a constituir o sermão eram prerrogativa exclusiva dos bispos que os pronunciava da cátedra, isto é, o trono episcopal.

A igreja romana voltará, entretanto, a utilizar-se do púlpito como lugar privilegiado quando, por necessidade de combate aos albigenses ou cátaros do Languedoc, São Domingos de Gusmão instituiu a Ordem dos Pregadores, mais conhecida por Ordem Dominicana, cuja regra foi aprovada pelo Papa Honório III em dezembro de 1216, autorizando-os a exercerem a pregação; assim como o fizera antes Inocêncio III em relação à ordem franciscana. Multiplicava-se, deste modo, o número de pregadores que, no

¹Professor Doutor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília. Doutorado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo – USP. Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pernambuco.

entanto, ainda necessitavam de solicitar licença especial de cada bispo para pregar no território sob sua jurisdição.

A REFORMA CATÓLICA

O segundo e decisivo impulso para adoção do púlpito em todos os templos católicos foi dado pelas medidas de reforma da igreja romana face ao crescimento das igrejas protestantes cujos cultos, de maneira geral, se centram na leitura da bíblia e no sermão do pastor. A necessidade urgente da pregação oral para a multidão iletrada dos católicos foi detectada pela alta hierarquia da igreja romana que, em 1563, no Concílio de Trento, promulga decreto atinente às atribuições dos bispos no qual os incumbe de promover a pregação, conforme se lê:

Desejando o Santo Concílio que seja exercida com a maior frequência com que possa ocorrer, em benefício da salvação dos fiéis cristãos, o ministério da pregação, que é o principal para os Bispos, (...) manda que os Bispos pessoalmente, ou se tiverem impedimentos legítimos, por meio de pessoas que elegerem para o ministério da pregação, expliquem em suas igrejas a Sagrada Escritura e a lei de Deus, devendo fazer o mesmo nas demais igrejas por meio de seus párocos, (...) ao menos em todos os domingos e dias solenes, nos tempos de jejum, quaresma e advento do Senhor, em todos os dias, ou ao menos em três de cada semana, se assim o acharem conveniente, e em todas as demais ocasiões que julgarem que essa pregação deve ser praticada.

Mas adverte: *Nenhum sacerdote, secular ou regular, tenha a pretensão de pregar, nem mesmo nas igrejas de sua região, contra a vontade dos Bispos, (...)*²

As *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia* definem com mais precisão a categoria dos indivíduos cujo acesso ao púlpito era permitido. Seu uso era reservado à pregação, à leitura dos textos sacros, das bulas papais e decretos episcopais e às estações, palavra que na época designava comunicações diversas sobre datas litúrgicas, festas móveis e outros avisos relativos às práticas religiosas.

O púlpito era interditado aos leigos, proibidos sob pena de excomunhão e multa, de disputar em público ou em particular sobre os mistérios da fé e da religião.³ E não bastava ser padre; o

exercício da pregação era permitido apenas àqueles indivíduos que depois de serem examinados em Latim, Casos de Consciência, Reza e Canto e tivessem licença específica concedida pelo bispo para fazê-lo no território de sua jurisdição. Se era religioso de ordem regular ainda se fazia necessário também a autorização dos seus superiores.⁴

OCASIÕES DA PREGAÇÃO

A estreita união entre a igreja e a coroa portuguesa ampliou as ocasiões de pregação às festas das cortes em comemorações de nascimentos, aniversários, casamentos dos príncipes e nas exéquias dos grandes do reino. Também se ouviam sermões nas festas de profissão dos votos de religiosos, em práticas privadas aos noviços e estudantes⁵; em festas de devoções de diferentes grupos sociais, tais como a novena de S. Francisco Xavier na Igreja de São Roque, em Lisboa, onde comparecia a rainha D. Luísa de Gusmão ou as novenas de São Benedito ou Nossa Senhora do Rosário, no Brasil, quando congados e maracatus dos negros dançavam à porta das igrejas de invocações correspondentes⁶; havia ainda pregações ao ar livre antes da partida da frota ou ao exército antes da batalha, durante ou ao fim das procissões mais importantes, nas missões por afastadas

²CONCÍLIO DE TRENTO, Decreto sobre a Reforma (Bispos e cardeais). *Cap. IV - Quem e quando hão de exercer o ministério da pregação. Concorram os fiéis para ouvir a palavra de Deus em suas paróquias. Ninguém pregue contra a vontade do Bispo.* Disponível em <http://agnusdei.50webs.com/trento29.htm>

³VIDE, D. Sebastião Monteiro da. *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*. São Paulo: Typographia 2 de Dezembro de Antonio Louzada Antunes, 1853. (Livro I, Título V, Artigo 14). p.7

⁵VIDE, D. Sebastião Monteiro da. *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*. São Paulo: Typographia 2 de Dezembro de Antonio Louzada Antunes, 1853. (Livro Terceiro, Título XXI.) p.198-200.VIEIRA, Antonio, S.J. Sermão da Exaltação da Santa Cruz, no Convento da Anunciada em Lisboa, 1645. In: *Sermões do Padre Antonio Vieira*. São Paulo: Editora Anchieta, 1945. v.12. Ver também:

MANUEL de São Plácido, frei. *Sermão na profissão de duas irmãs, que vieram da cidade da Bahia tomar o hábito de religiosas neste reino de Portugal...* Lisboa: Oficina de Manoel Lopes Ferreyra, 1699.

⁶Ver entre outros: VIEIRA, Antonio, S.J. Sermão décimo-quarto do Rosário, pregado a Irmandade de Pretos em um Engenho, 1633. In: *Sermões do Padre Antonio Vieira*. São Paulo: Anchieta, 1945. v.5.

aldeias, e nos autos de fé, etc.⁷; além dos sermões obrigatórios nas missas dominicais.

De fato, não havia qualquer comemoração de interesse geral, ou particular a determinado grupo social, sem alguma espécie de cerimônia religiosa da qual faria parte integrante o sermão, como verbalização dos fundamentos metafísicos e morais de uma religião presente em todas as ocasiões de vida ou para explicitar a motivação da festa, as razões da alegria ou da tristeza coletiva, e o significado dos rituais.

A pregação era atividade de alta importância política. Nelson Werneck Sodré destaca o púlpito

(...) como único meio generalizado de difusão do pensamento, órgão exclusivo utilizado na tarefa de divulgar idéias. Do alto do púlpito é que se fazia natural e possível alguém dirigir-se a muitos, e os atos religiosos, que eram os que conseguiam reunir povo, adquiriram por isso uma significação singular. Não espanta que, com a mencionada exclusividade, o púlpito acabasse por se tornar, ao lado de veículo destinado a transmitir a palavra religiosa, uma espécie de tribuna em que muitos assuntos eram tratados, inclusive os assuntos políticos, isto é, aqueles que interessavam à comunidade ou à sociedade.⁸

A pregação era também espetáculo a que acorriam multidões segundo o prestígio do pregador e a fama do seu estilo; grave em alguns a sustentar raciocínios complicados, inflamados em outros que subiam ao púlpito portando caveiras, lá se esbofeteavam para demonstrar arrependimento das próprias culpas,⁹ como o fazia Frei Francisco das Chagas, em Lisboa no século XVII. O mais prestigioso deles, o Padre Vieira, assim se queixa desses que vinham para ouvir o pregador e não a pregação:

Os piores ouvintes que há na Igreja de Deus, são as pedras e os espinhos. E porquê? Os espinhos por agudos, as pedras por duras. Ouvintes de entendimentos agudos e ouvintes de vontades endurecidas são os piores que há. Os ouvintes de entendimentos agudos são maus ouvintes, porque vêm só a ouvir sutilezas, a esperar galantarias, a avaliar pensamentos, e às vezes também a picar a quem não os pica.¹⁰

A DECORAÇÃO DOS PÚLPITOS

É compreensível, portanto que o equipamento físico destinado à pregação ultrapassasse sua mera função utilitária e se transformasse em obras de arte na concepção das quais se esmeraram artesãos anônimos ou escultores de fama. Em

decorrência, veremos que os púlpitos não se limitaram a ser apenas o lugar da fala, visando proporcionar boas condições de compreensão da mensagem pelos ouvintes, mas trouxeram, em linguagem plástica, sua própria mensagem a reforçar o discurso verbal e acentuar a dignidade do discurso e do pregador.

Os criadores dos púlpitos, marceneiros, entalhadores, pintores e escultores, quase sempre buscaram obter a harmonia estilística entre a obra que executavam e a aparência geral do espaço onde esta se instalaria. Entretanto, seja ou pela lentidão das obras de tratamento artístico do interior das igrejas ou pelas vicissitudes dos acontecimentos históricos, encontram-se alguns exemplos em que o estilo do púlpito discorda do conjunto. Esse é o caso da Igreja de São Pedro dos Clérigos, na cidade do Recife, em que os altares e o revestimento das paredes laterais da nave, atacados por cupins, foram inteiramente substituídos em 1858¹¹; o púlpito, porém permaneceu intocado e hoje nos serve como testemunho

⁷Ver entre outros: ANTONIO de Sá, S.J. (1620-1678). *Sermão dos passos que pregou ao recolher da procissão o padre Antonio de Sá...* Lisboa: Oficina de loam da Costa, 1675.

PANTALEÃO do Sacramento, frei. *Sermão da penitencia que pregou... em o Real Convento do n. p. S. Francisco da cidade de Lisboa ao recolherem a procissão...* Coimbra: Impressão de Manoel Diaz, 16-?

SIMÃO da Luz, frei. *Pregação que fez o padre mestre frei Simão da Luz na procissão de fazimento de graças...* Lisboa: Pedro Craesbeeck, 1619.

VIEIRA, Antonio, S.J. Sermão pelo Bom Sucesso da Armas de Portugal contra as de Holanda. Salvador, 1640. In: *Sermões do Padre Antonio Vieira*. São Paulo: Anchieta, 1945. v.3.

[Pregado no último dos quinze dias em que se tinham feito sucessivamente as mesmas deprecações em todas as igrejas da cidade]

⁸SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira. Seus fundamentos econômicos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964., p.59

⁹VILLAS-BOAS, Manuel do Cenáculo. *Memórias históricas do ministério do púlpito por um religioso da Ordem Terceira de São Francisco*. Lisboa: Régia OfficinaTypográfica, 1776.

¹⁰VIEIRA, Antonio, Padre. Sermão da sexagésima, pregado na Capela Real, no ano de 1655. In: _____. *Sermões do Padre Antonio Vieira*. São Paulo: Anchieta, 1945. v.11

¹¹MENEZES, José Luiz da Mota. *Dois Monumentos do Recife. São Pedro dos Clérigos. Nossa Senhora da Conceição dos Militares*. Recife, Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1984. Pg. 23

do que teria sido o estilo original dos elementos destruídos no século XIX. Também na ermida de Montserrat, em Salvador, o púlpito de balaustrada é mais antigo e discorda do exuberante altar do estilo D. João V posteriormente instalado naquela igreja.



Igreja de São Pedro dos Clérigos. Recife, Pernambuco. O guarda corpo barroco do Púlpito é remanescente da talha primitiva da igreja, entretanto a sanefa rococó é de fase posterior.

Fonte: <http://igrejasdepernambuco.blogspot.com.br/2015/11/igreja-de-sao-pedro-dos-clerigos.html>

Em Portugal se encontram exemplos contrários, em que o púlpito é mais recente do que os demais elementos da arquitetura que o abriga, sobretudo nos exemplares da arquitetura gótica ou românica aos quais se acrescentaram nos séculos XV e XVI belos



Igreja de Santa Maria do Olival (entre 1248-1279). Tomar, Distrito de Santarém. Púlpito sem datação, possivelmente instalado nas reformas da Igreja realizadas nos reinados de D. Manuel I (1495-1521) e D. João III (1521-1557),

Fonte: ACADEMIA NACIONAL DE BELAS ARTES. Inventário Artístico de Portugal – Santarém.

púlpitos “de cálice”. Veja-se, por exemplo, os púlpitos de feição renascentista acrescentados à Igreja de Santa Maria do Olival em Tomar, Santarém, e à Catedral de Évora.

Contudo, a unidade estilística da decoração interior pode ser alcançada nos edifícios construídos pelas ordens religiosas ou confrarias leigas dotadas de recursos suficientes para realizá-la em prazo relativamente curto. Foi assim na Igreja da Ordem Terceira da Penitência do Rio de Janeiro¹² onde tanto o púlpito como o revestimento em talha dourada das paredes da nave são de autoria de Manuel de Brito; na Igreja de São Francisco de Assis de Antonio Francisco Lisboa, em Ouro Preto, e na Igreja de São Pedro dos Clérigos de Nicolau Nassoni, no Porto, entre outras.

ORNAMENTAÇÃO DOS PÚLPITOS

O princípio geral da ornamentação dos púlpitos parece ter sido servir de moldura ao sermão e valorizar o discurso, vinculando-o à inspiração divina ou à tradição doutrinária da igreja. Ao contrário do sermão, cujos temas derivam das leituras fixadas pelo calendário litúrgico, as imagens plásticas dos púlpitos não os vinculam a datas específicas, nem pretendem ilustrar narrativas, provérbios, exortações ou representações próprias da linguagem verbal. Alguns poucos exemplos de ilustração narrativa como os púlpitos do Aleijadinho, em Minas Gerais, que serão mais adiante comentados, contrariam, mas não invalidam esse princípio genérico confirmado por todos os demais exemplares registrados nesta pesquisa.

A ornamentação e mesmo a volumetria geral dos púlpitos variaram segunda a época ou local em que foram construídos e os recursos disponíveis então. Encontram-se desde exemplares de composição reduzida aos elementos de suporte, acesso e proteção construídos com tábuas planas e caibros retos até outros concebidos como obra de escultura de alta elaboração, com volumes de superfícies curvas reversas de complexas intersecções, douramento e pintura, tudo isso a exigir artistas e artífices bem treinados para concebê-los e executá-los.

O suporte inferior da plataforma pode ser apenas uma coluna ou consolos segundo modelos clássicos greco-romanos ou pode tomar a forma de atlantes e cariátides, monstros da mitologia como a hidra de sete cabeças que sustenta o púlpito da Igreja de Santa Cruz em Coimbra, de bacias em forma de concha ou rocalhas quase abstratas inventadas pela imaginação dos artistas.

¹²BARATA, Mário. *Igreja da Ordem 3ª da penitência*. Fotos de Marcel Gautherot. Rio de Janeiro: Agir, 1975

Decoram as superfícies externas do guarda-corpos cartelas, medalhões, brasões de ordens religiosas e representações figurativas de reis sábios e profetas judeus assim como pregadores e doutores da igreja cristã.

MOTIVOS DECORATIVOS

Os motivos decorativos disponíveis à invenção dos artífices portugueses e brasileiros provêm de fontes diversas da tradição ocidental europeia, de uso comum em outras partes do edifício, tais como:

a) morfemas arquitetônicos; elementos de apoio, frisos, molduras e frontões em conformidade com o desenho das ordens clássicas greco-romanas ou em conformidade com modelos góticos¹³;



Conceição. Azoia de Baixo, Portugal
Foto de Luis Boléo

Fonte:http://www.panoramio.com/user/486223/tags/P%C3%BAlpito?photo_page=2

b) representação naturalista de animais, plantas e seres fantásticos tais como sereias e dragões, ou mitológicos como atlantes e cariátides;



Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição (1711-1748). Sabará, Minas Gerais



Igreja do Convento de São Francisco, 1708 - 1723
Salvador, Bahia

Fontes:http://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/252272/16/detalhe_pulpito.jpg

¹³Ver, entre outros, os púlpitos:a) com elementos clássicos, da Igreja de São Brás da Romeira (1673). Santarém; da Igreja de Santa Maria do Olival. Tomar, Santarém; da Igreja da Misericórdia. João Pessoa, Paraíba.

b) com elementos góticos, da Igreja de São João Batista, em Tomar, Santarém.



Hidra sob o púlpito da Igreja do Convento da Santa Cruz em Coimbra;

Fonte:
http://postaisportugal.canalblog.com/albums/region___coimbra/photos/18009466-coimbra___igreja_santa_cruz___o_pulpito.html



Matriz de Catas Altas SantaBarbara, MG.



Matriz de Catas Altas SantaBarbara, MG.

Fonte: BAZIN, Germain. Arquitetura religiosa barroca no Brasil, v.2, pranchas 152 e 69.



Matriz de Santo Amaro das Brotas Sergipe.

c) a representação antropomórfica de seres puramente espirituais tais como anjos e querubins, demônios e virtudes da fé, esperança e caridade;¹⁴



A caridade sobre a cobertura do púlpito Igreja da Santa Casa de Misericórdia de Olinda.

Fonte:<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=570697&page=4>

¹⁴Ver os púlpitos: da Igreja de Nossa Senhora do Carmo em São João del Rei, Minas Gerais; da Igreja de São Francisco em João Pessoa, Paraíba; da Igreja do Espírito Santo, em Arcos de Valdevez, Viana do Castelo.

d) imagens de pregadores, profetas, doutores da igreja e papas¹⁵;



S. Paulo e S. Pedro, às costas do pregador. Igreja de N^a Sr.^a da Conceição de Santa Efigênia (1912) São Paulo, SP.

Fonte: Fotos de Reinaldo Guedes Machado

e) símbolos especificamente cristãos tais como a cruz, a coroa de espinhos, a hóstia envolvida por resplendor, etc.;¹⁶

f) heráldica eclesiástica e brasões monárquicos¹⁷;



Igreja de São João Baptista. Púlpito de 1520. Escudo do Reino Portugal Tomar, Portugal



Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Monograma jesuíta Embu, São Paulo

¹⁵Ver os púlpitos: da Igreja da Ordem Terceira de São Francisco em Recife, Pernambuco; da Capela de Nossa Senhora da Apresentação em Vale de Avim; da Igreja de São Francisco de Assis em Ouro Preto, Minas Gerais.

¹⁶Ver os púlpitos: da Capela da Santíssima Trindade em Tiradentes, Minas Gerais. da Igreja da Santa Cruz em Santarém.

¹⁷Ver os púlpitos: com monograma jesuíta: da Igreja do Salvador em Elvas; e da Igreja de Nossa Senhora do Rosário em Embu, São Paulo (Fig.115). com monograma carmelita: da igreja do Convento do Carmo no Recife, Pernambuco.

SÍMBOLOS ZOOMÓRFICOS

Alguns símbolos, embora não apareçam apenas nos púlpitos, neles adquirem uma conotação particular, como é o caso da frequente representação do Espírito Santo na forma de um pombo em meio ao resplendor de raios na face inferior do abaixa-voz, percebida do ponto de vista do auditório como suspenso acima da cabeça do orador, a indicar, portanto, a inspiração divina de suas palavras. Em 1648-49, Manuel Ramos faz um desses para a capela da Universidade de Coimbra e o motivo permanecerá em uso reaparecendo em diversos exemplares no Brasil e em Portugal.¹⁸

No convento franciscano de João Pessoa, Paraíba, a representação do Espírito Santo sob o quebra-voz associa-se ainda a uma coroa de talha dourada que se projeta em balanço a partir do plano vertical da parede do fundo. Nos conventos franciscanos, a coroa de realza costuma fazer alusão a Maria, que é invocada sob títulos de Rainha dos Anjos, Rainha dos Profetas, Rainha dos Apóstolos, entre outros. Assim o pregador também se achava sob proteção e inspiração da mãe de Jesus. Ambos esses símbolos a proclamarem a alta dignidade do pregador que utilizasse aquele púlpito.

Nos púlpitos da Igreja do Mosteiro de São Martinho em Tibães (André Soares da Silva) e na Igreja de Santa Maria em Pombeiro (Frei José de Santo António Vilaça, 1776-1777), nos quais a cobertura do púlpito é realizada pela grande sanefa saliente, o efeito de pássaro em voo sobre o pregador é enfatizado pela inclinação do plano sob o qual se representa, em baixo relevo a pomba divina.¹⁹



Igreja do Mosteiro de São Martinho em Tibães
 Autoria: André Soares da Silva, (1720-1769)
 Foto de Graça Pimentel.
 Fonte: <http://gp-sarrabiscos.blogspot.com.br/2010/07/pulpito.html>

Com intenção de afirmar a ortodoxia da doutrina dali proferida, aparecem em alguns púlpitos representações de profetas do antigo testamento, de doutores da igreja, dos primeiros papas ou dos evangelistas, quer em efígie ou em símbolos que os representem como os animais do tetramorfo. Também constituem alusão clara à tradição que legitima o discurso, a representação em baixo relevo de um livro aberto, a Sagrada Escritura na qual se revelam as verdades da fé, ou do livro aberto sobre uma espada e palma de martírio numa alusão específica ao apóstolo Paulo, o primeiro dos grandes pregadores do cristianismo.



Igreja do Mosteiro de Santa Cruz, Coimbra, Portugal. Púlpito atribuído a Nicolau de Chanterenne, 1521.

As figuras maiores são os quatro Padres da Igreja, os primeiros doutores da Igreja: São Gregório Magno, Santo Ambrósio, Santo Agostinho e São Jerônimo. As figuras sobrepostas nos cunhais são, na faixa inferior, reis e profetas do antigo testamento; na faixa superior, as sibilas, profetisas da mitologia greco-romana.(!)

Fonte <http://lusitanianotavel.canalblog.com/archives/2005/09/04/777651.htmlh>

¹⁸CORREIA, Vergílio; GONÇALVES, António Nogueira. *Inventário artístico de Portugal - Vol.II*. Cidade de Coimbra. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, 1947, p.105.

¹⁹SMITH, Robert. *Frei José de Santo António Ferreira Vilaça escultor beneditino do séc. XVIII*. Lisboa, Fundação Gulbenkian, 1972, p.533.



Conceição. São Paulo, Capital.
Púlpito da antiga Sé de
São Paulo.



As tábuas da lei de Moisés,
coroa e monograma de
Maria no abaixa-voz.



O tetramorfo, símbolo
dos quatro evangelistas,
no guarda corpo.

REPRESENTAÇÕES ANTROPOMÓRFICAS.

Além dos profetas e pregadores, outras personagens povoam os púlpitos. Os anjos em representação antropomórfica são comuns na decoração das igrejas, com maior ou menor profusão, desde a época do estilo de talha chamado Nacional Português. Aparentemente não tomam conotação particular quando ocorrem nos púlpitos, exceto São Miguel Arcanjo que, como guerreiro de lança em riste, coroa o púlpito da Igreja de São Francisco em João Pessoa, Paraíba, e aparece nas coberturas dos púlpitos de diversas igrejas da região do Minho e no da Igreja do Espírito Santo em Arcos de Valdevez, em Viana do Castelo. Imagens semelhantes representam S. Miguel em retábulos e em imaginária avulsa; sua presença sobre o púlpito, no entanto aparentemente sinaliza a fidelidade do pregador, e do construtor da igreja, ao reino português, pois o Arcanjo fora declarado pelo Papa Leão X, a pedido do rei D.Manuel I, Anjo Custódio; isto é, o anjo protetor do reino, em honra do qual se realizavam anualmente procissões de comparecimento obrigatório.



Igreja do Espírito Santo.
Arcos de Valdevez, Portugal.
1647-1681.
Fonte: Foto de Robert Smith.
In <https://www.flickr.com/photos/biblarte/9711150592/in/photostream/>



Igreja do Convento de Santo Antonio. João Pessoa, Paraíba. 1735 – 1740
 Fonte: Foto de LewParella. In: ABRILCULTURAL.. Arte no Brasil. São Paulo: Abril, s.d, v.1, p.179

Também têm representação antropomórfica alguns conceitos tais como as virtudes da caridade, como a mulher com uma criança ao colo sobre a cobertura do púlpito da Igreja da Misericórdia de Olinda, Pernambuco.

Os púlpitos da igreja jesuíta do Colégio de Santo Alexandre em Belém, Pará, são extremamente ricos dessas representações alegóricas. Na profusão de figuras que o povoam estão; no dossel, o Anjo Custódio e as representações da Caridade e da Esperança;



Igreja do Colégio de Santo Alexandre. Belém, Para No alto do dossel: Coroa e São Miguel
 Na base do dossel: A Caridade e a esperança
 Na bacia, Fé (com os olhos vendados)
 Fonte: Foto de LewParella. In: ABRIL CULTURAL.. Arte no Brasil. São Paulo: Abril, s.d, v.1, p. 205

e sob a bacia do tambor vê-se um busto feminino de olhos vendados a representar a Fé.

Nessas figuras e alegorias estava codificado um sermão estático, a lembrar aos frequentadores da igreja pontos da doutrina em linguagem visual. Hoje, seu significado nem sempre é reconhecido pelo católico comum e os historiadores interessados na iconografia têm aí um campo de estudo quase inexplorado, a julgar pelos resultados da investigação bibliográfica por mim realizada.

BRASÕES

Os brasões de armas da confraria ou da ordem religiosa que erigiram a igreja, ou a mantêm, também são utilizados na decoração dos púlpitos, além de serem colocados na fachada, ao alto do arco-cruzeiro, no forro da nave e em outros locais do templo. São brasões e emblemas como afirmações de vínculos de uma igreja, ou de um púlpito, com a forma particular de vivenciar a religião adotada por um determinado grupo de fiéis, uma confraria ou uma ordem religiosa com regimento e cultura próprios.

Nos púlpitos franciscanos, dois braços cruzados com chagas nas mãos, um deles nu e o outro vestido pela manga do burel franciscano, proclamavam o recebimento dos estigmas de Cristo pelo fundador da ordem, São Francisco de Assis.

Os carmelitas representavam o monte Carmelo no qual se teria originado a sua confraria, antes de Cristo, quando o profeta Elias subira ao céu num carro de fogo, deixando o manto ao seu discípulo Eliseu.

Os jesuítas adotaram o mesmo emblema que o dominicano São Bernardino de Sena expunha quando pregava: as letras JHS cercada de resplendor, a glorificação do nome de Jesus em alusão ao lema da ordem *Ad Majorem Dei Gloriam*. Por estas referências simbólicas, tais brasões reafirmavam o ideário do grupo e ao mesmo tempo serviam de marca de identificação e sinal de propriedade, com o qual se marcava o púlpito, o alto do arco cruzeiro, a fachada da igreja e até mesmo a folha de rosto de livros impressos indicando assim a filiação religiosa de seu autor.

A utilização de brasões de armas na decoração dos templos brasileiros exigia a prévia licença do bispo; a falta era punida com excomunhão e multa, conforme determinam as Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia²⁰. Não foi possível, no decorrer

²⁰VIDE, D. *Sebastião Monteiro da. Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*. São Paulo: Typographia 2 de Dezembro de Antonio Louzada Antunes, 1853, Título XIX, §625.

dessa pesquisa, verificar se havia determinação equivalente nas regulamentações eclesiástica dos bispados do território europeu de Portugal; assim como não se encontrou proibição explícita ao uso de brasões de nobreza leiga. Mesmo assim, não se identificou nesta pesquisa nenhum brasão de fidalguia nos púlpitos portugueses ou brasileiros, exceto os símbolos da monarquia, cujo monarca era também o chefe da igreja portuguesa, em virtude do regime de padroado.

No século XVI, a Cruz de Malta aparece na face do púlpito da Igreja de Nossa Senhora de Dornes, em Ferreira do Zézere, e o escudo de D. Manuel, Grão-mestre da Ordem de Avis, decora, sob uma franja de cardos no púlpito, a Igreja de São João Batista de Tomar.

A ÁGUIA BICÉFALA

A águia bicéfala está na face frontal do púlpito da Capela de Santo Antonio, em São Roque, São Paulo, e na bacia do púlpito da Igreja da Misericórdia de Olinda, Pernambuco, ambos de 1680, portanto posteriores à restauração da monarquia portuguesa, o período de dominação filipina. Apesar disso, tem sido erroneamente interpretada, como o brasão dos Habsburgos. Germain Bazin nega essa vinculação ao contestar a equivocada atribuição de antiguidade feita por alguns historiadores brasileiros ao púlpito de Olinda²¹. De fato, ambos os púlpitos nos quais figura a águia bicéfala são de data posterior à restauração do reino português, em 1640, e não seria plausível ornamentá-los com o emblema do antigo dominador.

A questão parece ter sido melhor resolvida por Jaelson Bitran Trindade, ao apontar que a águia bicéfala aparece despojada de insígnias políticas (espada, cetro, globo) quando no contexto da arte religiosa, e a entendê-la como representação

(...) da unidade carne - espírito, humano-divino, princípio axial da fé católica, representada pela Virgem-Mãe e o Cristo, (...) com vistas à afirmação do poder não só espiritual como terreno do Cristo e seu corpo místico, a Igreja, embalada pela ideia de restabelecer a unidade cristã, a "República Cristã", desmantelada pelos conflitos de poder e de fé, bem como da instauração uma Monarquia Universal Apostólica, com ação política e sacerdotal estendida a toda a Humanidade²²



Fontes:
<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=570697&page=43>
 Foto de Alexandre Pereira Magalhães

Igreja da Santa Casa de Misericórdia.
 Olinda, Pe. Púlpito, 1680.



Capela do Sitio de Stº Antonio.
 São Roque, São Paulo.

²¹BAZIN, Germain. *A Arquitetura Religiosa Barroca no Brasil*. Rio de Janeiro, Record, s.d.,v.1,p. 126.

²²TRINDADE, Jaelson Bitran. O Império dos Mil Anos e a arte do "tempo barroco": a águia bicéfala como emblema da Cristandade. In: *Anais do Museu Paulista* v.18, n.2 (2010). Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/5533>>

ANTONIO FRANCISCO LISBOA, O ALEIJADINHO

No discurso plástico dos púlpitos figuram conceitos, seres imaginários, papas e doutores da igreja, mas os personagens não agem e a representação não conta histórias, simplesmente os apresenta ao observador. Nos territórios de Portugal e Brasil, apenas um artista contraria essa afirmação; Antonio Francisco Lisboa, o Aleijadinho de Ouro Preto.

Como já se vira em exemplos portugueses, ele colocou evangelistas nas faces laterais do guarda-corpo dos púlpitos que fez para as igrejas de São Francisco de Assis, em Ouro Preto, e de Nossa Senhora do Monte do Carmo, em Sabará; mas na face frontal de todos eles representou cenas bíblicas, em baixos-relevos de caráter narrativo inusitado nos púlpitos luso-brasileiros.

Os púlpitos da Igreja de São Francisco de Assis, em Ouro Preto, narram o episódio de Jonas atirado às baleias e o de Cristo pregando²³. Na Igreja do Carmo, em Sabará, conta um deles o encontro de Cristo com a Samaritana e o outro, a parábola do tesouro enterrado.



Igreja da Ordem Terceira do Carmo. 1781.

Sabará, Minas Gerais.

Fonte: <http://www.primeirascidadesdeminas.com.br/sabara/>



Igreja de São Francisco de Assis em Ouro Preto.

Fonte: MACHADO, Lourival Gomes. *Barroco Mineiro*.

São Paulo: EDUSP/ Perspectiva, 1969, p. 164 e 164.

Um quinto púlpito, atribuído ao Aleijadinho, porém executado por outras mãos, na Igreja de São Francisco de Assis de São João del Rei, ostenta no guarda-corpo a cena do Anjo anunciando a Maria sua gravidez.



Igreja de São Francisco de Assis. São João del Rei, Minas Gerais.

Fontes: NEGRO, Carlos del. *Escultura ornamental barroca do Brasil: portadas de igrejas de Minas Gerais*. [Belo Horizonte], Edições Arquitetura, s. d., figura 189.

²³Ver MACHADO, Lourival Gomes. Os púlpitos de São Francisco de Assis de Ouro Preto – Influência de Lorenzo Ghiberti na obra de Antonio Francisco Lisboa. In MACHADO, Lourival Gomes. *Barroco Mineiro*. São Paulo: EDUSP/ Perspectiva, 1969. [Publicação original in Revista de História n°67, 1956.]

CONCLUSÃO

O púlpito católico, sendo um equipamento utilitário e parte do mobiliário eclesiástico, é também um objeto de alto conteúdo simbólico. O visitante erudito interpretará essa acumulação de signos auxiliado pelo conhecimento adquirido em leituras; e o visitante comum, com o que terá assimilado na frequência de cerimônias ou no convívio com a cultura religiosa difusa, do folclore ao calendário civil, nos meios sociais onde os cristãos são expressiva maioria.

A ambos será evidente a vinculação do objeto à pregação de uma doutrina específica, abalizada pelos personagens e pelas instituições cujos emblemas exibe. Assim, o púlpito católico, quer seja por sua conformação geral, quer seja pelos elementos decorativos e signos figurativos que exibe; signos de erudição, signos de continuidade da doutrina abalizada pelos profetas de Israel, pelos doutores da Igreja, pelos evangelistas, signos de fidelidade à monarquia e à nação, é simultaneamente o lugar do discurso verbal e afirmação visual da legitimidade desta fala.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ACADEMIA NACIONAL DE BELAS ARTES (Portugal). *Inventário artístico de Portugal*. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, 1947-1978, v. 13.

ANTONIO da Chagas. *Sermoens genuínos e praticas espirituais*. [organizador: Padre Manuel Godinho] Lisboa: M. Deslandes, 1690.

ANTONIO de Sá, S.J. (1620-1678). *Sermão dos passos que pregou ao recolher da procissão o p...* Lisboa: Oficina de Ioam da Costa, 1675.

ÁVILA, Afonso. *Igrejas e Capelas de Sabará*. [Fotos de Maurício Andrés]. *Barroco*. Belo Horizonte: v.8, p.21-66, 1976.

AZEVEDO, Carlos de; BRUMMEL, Chester E. *Igrejas de Portugal*. Lisboa: Difel / Bertrand, 1985.

BAHIA. Secretaria da Indústria e Comércio. *Inventário de proteção do acervo cultural: Vol. I*. Monumentos do município do Salvador. Salvador: 1975.

_____. Secretaria da Indústria e Comércio. *Inventário de proteção do acervo cultural: Vol. IV*. Serra Geral e Diamantina. Salvador: 1980.

_____. *Inventário de proteção do acervo cultural: Vol. II*. Monumentos e sítios do Recôncavo, Parte Salvador 1978.

_____. Secretaria da Indústria e Comércio. *Inventário de proteção do acervo cultural: Vol. III*. Monumentos e sítios do Recôncavo, II Parte. Salvador: 1982.

BARATA, Mário. *Igreja da Ordem 3ª da Penitência*. Fotos de Marcel Gautherot. Rio de Janeiro: Agir, 1975.

BARBOSA, Florentino, Cônego. *Monumentos históricos e artísticos da Paraíba*. João Pessoa: A União Editora, 1953.

BAZIN, Germain. *A arquitetura religiosa barroca no Brasil*. Tradução de Glória Lúcia Nunes. Revisão e Atualização: Mario Barata. Rio de Janeiro: Record, s. d. [1983].

_____. *Aleijadinho et lasculpturebarroqueauBrésil*. Paris: Le Temps, s. d., [1963].

BORROMEU, Carlos. *Instrucciones de la fábrica y del ajuar eclesiásticos*. Introducción, traducción y notas de Bulmaro Reyes Coria; Nota preliminar de Elena Isabel Estrada de Gerlero. México: D. F., Universidad Nacional Autónoma de México, 1985.

CONCÍLIO DE TRENTO. *La invocación, veneración y reliquias de los Santos y de las sagradas imagenes*. Disponível em < <http://multimedios.org/bec/etexts/trento/concil.htm>>

_____. *Decreto sobre a Reforma (Bispos e cardeais)*. Cap. IV - *Quem e quando hão de exercer o ministério da pregação*.

Concorram os fiéis para ouvir a palavra de Deus em suas paróquias. Ninguém pregue contra a vontade do Bispo. Disponível em <http://agnusdei.50webs.com/trento29.htm>

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. *Atlas dos monumentos históricos e artísticos de Minas Gerais: circuito de Santa Barbara*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1981.

MACHADO, Lourival Gomes. Os púlpitos de São Francisco de Assis de Ouro Preto – Influência de Lorenzo Ghiberti na obra de Antonio Francisco Lisboa. In MACHADO, Lourival Gomes. *Barroco Mineiro*. São Paulo: EDUSP/ Perspectiva, 1969. [Publicação original in Revista de História nº67, 1956.]

MENEZES, José Luiz da Mota. *Dois monumentos do Recife*. São Pedro dos Clérigos. Nossa Senhora da Conceição dos Militares. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1984.

MINAS GERAIS: *Monumentos Históricos e Artísticos: Circuito do Diamante*. Barroco. Belo Horizonte: v.16, 1995.

NEGRO, Carlos del. *Escultura ornamental barroca do Brasil: portadas de igrejas de Minas Gerais*. [Belo Horizonte], Edições Arquitetura, s. d., figura 189.

ORAZEN, Roberta Bacellar. *Arte e educação: uma estratégia jesuítica para a catequização dos índios no Brasil colonial*. Disponível em < <http://www.revista.art.br/site-numero-05/trabalhos/10.htm>>

SMITH, Robert Chester. *The art of Portugal: 1500-1800*. 1ª ed. New York: Meredith Press, 1968.

_____. *A talha em Portugal*. Lisboa: Livros Horizonte, s. d. [1962].

_____. *Frei José de Santo António Ferreira Vilaça: escultor beneditino do séc. XVIII*. Lisboa: Fundação Gulbenkian, 1972.

_____. *Marceliano de Araújo: escultor bracarense*. Porto: Nelita Editora, s. d. [1970].

_____. *Nicolau Nasoni: arquitecto do Porto*. Lisboa: Livros Horizonte, 1966.

_____. *André Soares: arquitecto do Minho*. Lisboa: Livros Horizonte, 1973.

_____. *Frei José de Santo António Ferreira Vilaça escultor beneditino do séc. XVIII*. Lisboa, Fundação Gulbenkian, 1972, p.533

TIRAPELI, Percival. *Igrejas Paulistas: Barroco e Rococó*. São Paulo: UNESP3002.

TRINDADE, JaelsonBitran. O Império dos Mil Anos e a arte do “tempo barroco”: a águia bicéfala como emblema da Cristandade. In: *Anais do Museu Paulista v.18, n.2* (2010). Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/5533>>

VALLADARES, Clarival do Prado. *Nordeste Histórico e Monumental*. S/l: Odebrecht, 1983, v. III.

VIDE, D. *Sebastião Monteiro da. Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*. São Paulo: Typographia 2 de Dezembro de Antonio Louzada Antunes, 1853

VIEIRA, Antonio, S.J. *Sermões do Padre Antonio Vieira*. São Paulo: Editora Anchieta, 1945.

VILLAS-BOAS, Manuel do Cenáculo. *Memórias históricas do ministério do púlpito por um religioso da Ordem Terceira de São Francisco*. Lisboa: Régia OfficinaTypográfica, 1776.